

O QUE CORPOS ESTRANHOS ADORMECIDOS COMO QUE MORTOS PROVOCAM?

Vanessa Reis (Mestre pelo PPGCL-UFRJ/CAPES)

RESUMO

O presente artigo trata de um tema que se pode dizer recorrente na Literatura: o prazer que o silêncio da mulher provoca no homem. Apesar de ser um tema comum a algumas literaturas, o foco desse artigo é a obra japonesa de Yasunari Kawabata, intitulada *A casa das belas adormecidas* (1961), cujo personagem central se relaciona com jovens mulheres silenciosamente adormecidas. Além das relações de gênero influenciadas pelo silêncio feminino, foi pensando aqui como a narrativa é construída em torno desse silêncio, aquilo que é possível narrar e aquilo que o próprio silêncio impossibilita. Erotismo, silêncio e morte norteiam as visitas desse idoso ao prostíbulo das belas adormecidas, que avivam memórias, camuflam a velhice e despertam sentimentos de violência e morte.

Palavras-chave: silêncio; memória; feminino; velhice; morte.

ABSTRACT

The present article deals with a theme very persisting in Literature: the pleasure that woman's silence causes in a man. Although it is a common theme to some of the literatures, the focus here is the book of the Japanese Yasunari Kawabata entitled *The House of Sleeping Beauty*, whose central character engages a relationship with young women who are quietly asleep. In addition to the gender relations influenced by the female silence, it was developed here how the narrative is built throughout this silence, what could be narrated and what silence itself prevents. Eroticism, silence and death guide the visits of this old man to the sleeping beauty brothel, stirring up memories, disguising the aging and arousing feelings of violence and death.

Keywords: silence; memory; female; aging; death.

INTRODUÇÃO

Quando ouviu isso pelo telefone, Eguchi sentiu de súbito seu coração tremer no calor da sedução, o que era totalmente inesperado para ele. Seria pela surpresa de ser conduzido de repente para fora do real de sua vida cotidiana? Ou pelo fato de a garota ficar adormecida e não acordar de forma alguma? (Kawabata, 2014, p. 38).

No romance *A casa das belas adormecidas* (*Nemurerubijo*, 1961), Eguchi, um idoso de 67 anos, visita uma casa cheia de segredos e tabus, na qual os homens passam a noite com mulheres adormecidas. As jovens são drogadas para dormirem a noite toda e os velhos ficarem “à vontade” com elas. Inicialmente é a curiosidade que impulsiona o velho Eguchi a realizar a primeira visita, pois ouvira falar desse lugar onde não precisaria se preocupar em acumular encontros deploráveis com mulheres de vidas trágicas – como se dormir ao lado de uma jovem inconsciente de seus atos não guardasse um elemento trágico. Ao encontrar a bela adormecida pela primeira vez, ele é surpreendido pela beleza e juventude da moça, e também pelo seu sono natural, uma vez que imaginava não haver beleza num sono induzido por narcóticos.

O título da obra, em japonês *Nemurerubijo*, foi traduzido, inicialmente para o inglês como *Sleeping Beauties*, e posteriormente, por Edward Seidensticker, como *House of the Sleeping Beauties*, sendo desta tradução a escolha pelo nome em português.

Kawabata foi apontado como um dos maiores escritores japoneses do século XX. Inicialmente, acreditava-se que sua obra era fiel às características da literatura japonesa tradicional, em sua obra *A dançarina de Izu* (*Izu no odoriko*, 1926) há uma estrutura narrativa tradicional que lembra aquela do teatro nô: o narrador “eu” atua como uma personagem secundária cuja função é dar maior brilho à personagem principal – no caso, à dançarina. No entanto, como Kawabata nunca estava satisfeito e desejava inovar, sua obra sofreu transformações ao longo dos anos, principalmente por conta da influência das literaturas modernas ocidentais. O exemplo maior de transformação de sua obra é *País das Neves* (*Yukiguni*, 1937), com sua técnica de justaposição, o uso da memória involuntária, entre outros recursos do romance moderno ocidental. Assim, era de se esperar que ele optasse por um estilo mais moderno, sendo um dos maiores escritores do movimento Neosensorialismo

(*Shinkankakuhā*) – uma corrente literária nova, inspirada nos diversos movimentos modernos ocidentais: como dadaísmo, surrealismo, impressionismo etc. Embora faça parte de uma tradição literária japonesa, a obra de Kawabata carrega características comuns às melhores literaturas modernas ocidentais. E isso é mais uma prova da grandeza desse autor, que não se permitiu enquadrar, mas explorar o que a literatura tem de mais extraordinário: a capacidade de dialogar com outras obras, “dentro ou fora de uma mesma sociedade ou nacionalidade” (Brandão, 2016).

A casa das belas adormecidas é uma narrativa que a todo tempo trabalha com as seguintes tensões: mulheres e homens, novo e velho, castidade e pecado, memória e esquecimento. Trata-se de problemas próprios da obra de Kawabata, principalmente desse último período de sua vida, quando questões de velhice e esquecimento são mais intensas e permeiam sua escrita. A posição da mulher é outro tema importante abordado em *A casa*: a mulher posta a serviço da fantasia masculina, desumanizada, mas dotada de uma beleza estética suprema, uma mulher feita para ser observada, desejada e admirada com se admira uma fina peça de porcelana.

Certamente, a garota dessa noite era sensual. Eguchi quase não podia acreditar. Apoiou-se no cotovelo e, colocando o peito sobre o ombro da garota, contemplou seu rosto. Da mesma forma que seu corpo, seu rosto também era irregular. Apresentava uma inesperada inocência. As narinas eram um pouco largas e a parte superior do nariz era baixa. As bochechas, arredondadas e amplas. O contorno dos cabelos era baixo e a testa tinha forma semelhante à do monte Fugi. Os pelos das sobrancelhas eram curtos e grossos, e sua forma, bastante comum.

- Que bonitinha você é – murmurando para si mesmo, o velho pousou sua face sobre a dela, que também era lisa. (KAWABATA, 2004, p. 93).

Eguchi a todo tempo admira as moças com as quais passa a noite, explora seus corpos, sente seus cheiros e, a partir delas, rememora sua vida, revivendo momentos há muito esquecidos ou perdidos. No trecho anterior, a moça descrita é a quarta com quem dorme: uma moça quente, de quadris fartos, seios largos e cheiro forte, cheiro esse que penetra em suas narinas e desperta sua memória.

Um dos grandes questionamentos que permeava e angustiava o velho Eguchi era o quão velho ele estava para frequentar uma casa como esta que seu amigo lhe havia

apresentado. Segundo Kiga, o motivo de visitar a casa era aliviar o peso da velhice; no entanto, Eguchi não acreditava que a extrema miséria da velhice o havia atingido ainda: “Contudo, Eguchi diferia um pouco dos velhos que iam àquela casa. Era na verdade totalmente diferente. O velho Kiga, seu amigo que lhe recomendara o local, estava enganado ao pensar que Eguchi era igual a eles, pois ainda não deixara de ser homem” (idem, p. 92).

Eguchi afirmava constantemente que não era como os outros velhos frequentadores da casa, pois ele ainda não era um velho decrépito, ainda era homem. Ainda tinha desejo e virilidade. No entanto, diante dessas afirmações categóricas notamos a presença do narrador nos dando indícios de que talvez as certezas do idoso devam ser colocadas em xeque.

– É realmente estou velho. – A verdade é que não estava ainda qualificado para ir àquela casa, como os velhotes que a frequentavam. No entanto, talvez ele mesmo não tivesse por muito tempo o pouco de masculinidade que ainda possuía. (KAWABATA, 2004, p. 112).

Sua primeira visita à casa é feita por curiosidade, a convite de Kiga, uma diversão para um velhote. E nessa visita, após lembrar-se de uma antiga amante, Eguchi sente o “frio desgosto da velhice” tomar conta de si. Em sua segunda visita, Eguchi não acreditava que retornaria àquela casa, àquele ambiente que lembrava o quão velho ele estava, sendo obrigado a recorrer à presença de jovens adormecidas, como esclarece o próprio narrador: “Pelo contrário, não sentia inclinação por repetir aquela lamentável diversão da velhice e não estava tão velho e decrépito quanto os idosos que procuravam um lugar como aquele” (idem, p. 38). Se ele não estava tão velho e decrépito quanto os outros velhos, o que ele fazia naquela casa? O que ali o atraía tanto? Será que a extrema miséria da velhice não o havia encontrado, como ele mesmo afirmava? E como é possível classificar se está ou não na extrema miséria da velhice? E também, o que fazer com a decrepitude que a miséria da velhice porta?

É interessante perceber que fazer essas perguntas só é possível graças a essa narrativa que o tempo todo joga com o saber e a dúvida, pois ambos aparecem em estado de transitoriedade. Quando achamos que temos certeza de algo, o narrador nos faz duvidar e retornamos às incertezas. Como quando acreditamos no que o idoso diz sobre não ser como os outros frequentadores da casa, e logo em seguida as atitudes dele, em retornar à casa, ou

os comentários do próprio narrador nos mostram o contrário e não podemos mais ter certeza da veracidade do que o velho diz: “... mas o velho Eguchi já não tinha vigor suficiente para tomá-la à força. Ou talvez esquecera isso há muito tempo” (idem, p. 111).

DESENVOLVIMENTO

— Ah!

O que fez Eguchi soltar a exclamação foram as cortinas de veludo carmesim. Devido à iluminação difusa, sua cor era mais profunda. Era como se houvesse uma camada de luz tênue diante das cortinas, causando-lhe a sensação de ter ingressado num mundo fantástico. As cortinas pendiam nos quatro lados do aposento, cobrindo-os inteiramente. A porta pela qual Eguchi entrara também era cortinada, mas suas pontas estavam presas. Girou a chave na porta e enquanto puxava a cortina baixou o olhar na direção da jovem adormecida. Não era um sono fingido, sua respiração profunda não deixava dúvidas. Sua inesperada beleza fez Eguchi reter a respiração. A surpresa não vinha apenas de sua beleza, mas de sua juventude. Estava deitada com o lado esquerdo voltado para baixo e mostrava apenas o rosto virado para o lado. Eguchi não conseguia ver seu corpo, mas não teria sequer vinte anos. No peito do velho, um novo coração vinha bater asas.

[...] Só então notou que a luminosidade do aposento vinha de cima. Olhando para o teto, viu duas aberturas semelhantes a claraboias, de onde a luz das lâmpadas elétricas era projetada através de papel Japão. Sem dúvida, uma iluminação como aquela não só era ideal para o veludo carmesim, mas também realçava melhor a tez da garota refletida no vermelho do tecido, dando-lhe a beleza irreal de um espectro. (KAWABATA, 2004, p.15-16, 17).

No trecho anterior, o narrador nos conta sobre o primeiro encontro de Eguchi com a primeira jovem, que o surpreende pela beleza, juventude e, também, rompe com seu pré-julgamento sobre não haver beleza num sono induzido por narcóticos.

Quando Kiga convida Eguchi a conhecer a casa das belas adormecidas, ele faz duas observações: primeiro, ele diz que é como dormir com a imagem de Buda; segundo, ele diz que visita a casa sempre que o desespero da velhice se torna insuportável. Inicialmente, Eguchi não se considera como os outros frequentadores da casa, ele não está tão velho a ponto de “necessitar” da companhia de mulheres adormecidas para se sentir homem, mas durante a obra ele faz cinco visitas, cada vez com intervalos mais curtos, e nós leitores somos levados a questionar essas afirmações tão categóricas do idoso.

Eguchi faz cinco visitas e dorme ao lado de seis meninas diferentes, uma vez que em sua última visita ele desfruta da companhia de duas jovens adormecidas. Essas mulheres não tem nome, não tem história, são apenas corpos. Não simples corpos, e sim corpos jovens, belos, narcotizados e adormecidos a tal ponto que parecem mortos. Ou para usar alguns adjetivos presentes na obra, essas mulheres são: Brinquedo, animal de sacrifício, vida, oferenda, boneca viva.

As visitas do idoso se tornam cada vez mais frequentes ao longo da história e com intervalos mais curtos, à medida que a atração pelas belas adormecidas se intensifica. Há um intervalo de quinze dias entre a primeira e a segunda visita, após oito dias ele visita a casa pela terceira vez, o intervalo entre esta e a quarta visita não é revelada, mas já era inverno nesta quarta visita, e a última ainda é inverno, após as festividades de ano novo. A frequência das visitas só reforça a questão de que algum tipo de satisfação havia na presença dessas jovens. Mas que prazer pode haver ao lado de uma menina adormecida, que não escuta nada, que não vê nada, que é apenas um corpo como que morto?

A primeira menina foi uma experiência arrebatadora para Eguchi. Era uma menina jovem, de pescoços e ombros inocentes, cabelos compridos e não tinha ainda as curvas arredondadas da plena feminilidade.

A segunda menina era uma coquete, apresentada pela mulher da casa como experiente; era uma jovem sensual, com cheiro forte e quente, e ar provocante de mulher. Ela seduz Eguchi.

A terceira garota é uma jovem miúda, com um calor imaturo e selvagem. A mulher da casa explica ao velho Eguchi que ela era uma aprendiz, que havia ficado com medo de adormecer sozinha, e pede então que Eguchi seja paciente com ela.

A quarta menina adormecida era sensual e quente, seu corpo, não apenas por causa do cobertor elétrico, era quente. Tinha um cheiro forte de mulher, era corpulenta e tinha seios fartos. Eguchi achou-a bonita e atraente.

A quinta menina é a jovem de pele escura. Ela parecia uma criatura selvagem, um corpo rijo e bem formado e exalava um forte odor. Ela não parecia japonesa.

A sexta menina, deitada ao lado da quinta, é uma menina clara e delicada, exalava um aroma doce. Tinha seios redondos, pequenos e firmes.

As jovens são prostitutas dessa casa, adormecidas para passar a noite com velhos que não são mais homens. Rute Silviano Brandão (2006, p. 43) diz a respeito da boneca Olímpia, de E.T.A. Hoffmann o seguinte – o que podemos ler também nas belas adormecidas: “como imagem ilusória do feminino, é a morte da mulher, objeto inerte do desejo, morta-viva, paradoxal figura da vida e da morte, do silêncio, da passividade, depositária do desejo alheio”.

O que esses corpos como que mortos provocam afinal?

Há algumas “promessas” na visita a essa casa, que Eguchi ora escuta de seu amigo, ora formula por si mesmo. Diante das jovens ele não precisaria, por exemplo, se envergonhar do complexo de senilidade; ou ainda, não precisaria acumular encontro deploráveis com mulheres de vidas trágicas; ou mais, poderia percorrer livremente seus pensamentos e recordações.

A relação que existe na *A casa das belas adormecidas* com a memória é importantíssima, pois são as belas adormecidas que despertam essas memórias, não obstante elas desaparecem, são esquecidas e silenciadas quando o passado do idoso se faz presente. Além de servirem de objeto de admiração e prazer para o velho, elas são suas válvulas de acesso a momentos que de alguma forma lhe trouxeram alegria e vida, tempos esses de sua juventude ou vida adulta, em que ele ainda era homem, não o velho decrépito que visita casas misteriosas para se deitar ao lado de moças que desconhecem sua presença. E mais, suas memórias são sempre sobre as mulheres: suas namoradas, amantes, filhas e sua mãe. “Já que a menina não acordava, o cliente idoso não precisava envergonhar-se do complexo de senilidade, e *ganhava a permissão de perseguir livremente suas fantasias a respeito das mulheres e mergulhar em recordações.*” (KAWABATA, 2004, p. 50, *grifo meu*).

Um dos maiores prazeres permitidos por essas jovens mulheres adormecidas são, sem dúvida, as memórias do idoso. As belas são gatilhos dessas lembranças, isto é, em suas primeiras visitas Eguchi tem suas memórias despertadas a partir de um cheiro, um gesto, um toque ou uma parte do corpo da menina.

No entanto, à medida em que as visitas de Eguchi aumentam, sempre com intervalos mais curtos e com mais aproximação do inverno, que nessa obra significa a aproximação da velhice e da morte, as lembranças vão dando lugar a um sentimento de destruição e morte. Sentimento esse ligado, algumas vezes, aos desejos eróticos, como no seguinte trecho: “A língua, colada ao maxilar inferior, estava bem encolhida, como se submergisse no fundo da boca. O meio dessa língua infantil era atravessado por uma graciosa cavidade linear. Eguchi sentiu uma tentação.” (idem, p. 77). Uma língua infantil, atravessada por uma cavidade linear, que desperta a lembrança de outra língua infantil que tocara seu pênis no passado, e para além da rememoração traz desejos de fazer mal à bela adormecida: “Se apertasse o pescoço, a pequena língua faria um movimento convulsivo?” (idem, p. 77).

Na medida em que o desejo de “dormir como um morto ao lado de uma garota que dormia como uma morta” se intensifica em Eguchi, sua vontade de fazer mal às meninas adormecidas também aumenta. A aproximação da morte traz violência e ideias destrutivas ao velho, como se a aproximação com o fim de sua vida, o impulsionasse à destruição de tudo. Mario Vargas Llosa (2004, p. 307), lembra que o pensamento de morte já rondava Eguchi desde sua juventude, quando propôs a uma de suas amantes de se suicidarem juntos, e acrescenta: “Essa tentação se reaviva, diante do espetáculo das moças narcotizadas que parecem ter feito a travessia, chamando-o do outro lado.”

Trago alguns trechos mais completos sobre essa bela adormecida citada anteriormente:

O meio dessa língua infantil era atravessado por uma graciosa cavidade linear. Eguchi sentiu uma tentação. Espiou dentro da boca dela. Se apertasse seu pescoço, a pequena língua faria um movimento convulsivo?
[...] Não que quisesse introduzir o dedo na boca dela para tocar a língua, mas algo mais maligno agitava o sangue do velho e queimava-lhe o peito.
Porém, essa maldade, essa crueldade acompanhada de um terror violento flutuava na mente de Eguchi, sem tomar forma definida.
[...] Se a matasse, isso ficaria ainda mais claro. Talvez fosse fácil apertar-lhe o pescoço, como também sufoca-la, apertando-lhe a boca e o nariz. (Kawabata, 2004, p. 77, 79).

Lucia Castello Branco (1984)¹ relembra que, no início do século XX, Freud tentou explicar o paradoxo da conexão entre vida e morte através da elaboração de conceitos de Eros e Tanatos (deus do amor e da morte, respectivamente, para os gregos). Haveria, segundo Freud, em nosso inconsciente duas forças antagônicas: o impulso de vida, Eros, e o impulso de morte, Tanatos. Essas forças viveriam em conflito, e o prazer dos indivíduos não se vincularia necessariamente à vida, podendo estar, em algumas das vezes, intimamente aliado a Tanatos, à morte. Apesar de não ser meu objetivo adentrar a fundo nesses conceitos freudianos, é necessário entender que esses impulsos estão intimamente ligados aos anseios desse idoso e suas constantes visitas à casa.

Nas três primeiras visitas de Eguchi à casa, ele relembra algumas mulheres com as quais se relacionou, segurando o fio condutor da vida, afinal as memórias tentam recuperar momentos em que ele ainda não precisava visitar uma casa misteriosa que adormecia suas mulheres, momentos em que ele ainda era homem; as memórias, portanto, mantinham sua virilidade e vitalidade.

No entanto, nesse processo de acessar suas memórias, as belas adormecidas desapareciam, o silêncio delas ganhava a dimensão de silêncio de morte. Para que Eguchi tivesse vida, a jovem ao seu lado precisava morrer/desaparecer: “O velho quase havia se esquecido da menina adormecida ao seu lado, mas quem trouxe as lembranças da mulher de Kobe foi justamente ela.” (KAWABATA, 2004, p.75). Vargas Llosa diz que:

Em poucos romances se descreveu mais persuasivamente que nesse essa pulsão de morte que parece estar inevitavelmente escondido na entranha do sexo, pelo menos quando este deixou de ser simples cópula animal e tornou-se enobrecido pela fantasia e pela vocação de teatralidade com que o cultivam as culturas mais avançadas. (2004, p. 307).

Na quinta e última visita, Eguchi usufrui da presença de duas jovens adormecidas, deitadas lado a lado: a menina escura, a quem ele deseja fazer mal; e a menina clara e delicada, que exalava um doce aroma.

¹ BRANCO, Lucia Castello. O que é Erotismo. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984, p. 30-42.

É também nesse capítulo que Eguchi tem um dos sonhos mais interessantes da obra, que o narrador chama de “pesadelos sucessivos” ou ainda “sonhos eróticos e perturbadores”:

Eguchi regressava da viagem de lua-de-mel e, chegando em casa, encontra-a abarrotada de flores semelhantes a dalias vermelhas a se balançar. Ficou em dúvida se era realmente sua própria casa e hesitou na entrada.

– Ora, você está de volta. Por que está parado aí? – o recebeu sua mãe, que deveria estar morta. – Estaria a jovem esposa encabulada?

– Por que essas flores?

– Ah, sim – disse a mãe, serena. – Entre e suba logo.

– Sim. Pensei que tinha me enganado de casa. Não tem por que errar, mas com tantas flores assim...

[...]

– Que lindas flores! – Exclamou ela (*a jovem esposa*)

– Sim. – Eguchi, para não assustá-la, omitiu o fato de que elas não estavam ali antes. No momento em que ele olhava fixamente uma das mais graúdas, uma gota de sangue pingou de uma das pétalas. (KAWABATA, 2004, p. 121, *grifo meu*).

Enquanto dorme espremido por duas jovens mulheres silenciosamente adormecidas Eguchi sonha com sua mãe – a genitora e primeira mulher de sua vida; e com sua esposa. Nesse trecho a imagem materna e a morte, representada pela imagem da mãe, que deveria estar morta, e pelas flores em excesso, o envolvem e angustiam. Novamente a imagem da mulher é relacionada à morte, a Tanatos, ao mesmo tempo em que se liga a Eros, o jovem casal regressa de lua de mel e o próprio sonho é descrito pelo narrador como erótico e perturbador.

Lucia Castello Branco (1984) diz que o escritor francês Georges Bataille constrói o erotismo também a partir da análise de duas forças antagônicas, mas complementares: a vida e a morte, e complementa:

O que move os indivíduos no erotismo é, segundo Bataille, o desejo de permanecer através da fusão com o outro, o desejo de continuar, de superar a morte. Entretanto, essa fusão com o outro é sempre momentânea e fugidia, e está condenada a desaparecer, a morrer, para que os indivíduos continuem existindo como seres distintos. A fusão total, duradoura, eterna só seria possível através da morte dos indivíduos. Eros é movido, portanto, por um desejo extremo de vida, de permanência, de continuidade, que fatalmente desemboca num desejo de fusão, numa ânsia de perda de identidade, no abismo da morte. (p. 35-36).

Esse sentimento de destruição e morte atinge seu ápice neste último capítulo, quando Eguchi quebra uma das regras da casa, aquela que diz que ele não poderia desligar o cobertor elétrico que cobre o corpo da menina. Ele desliga o cobertor da garota escura e, no meio da noite, sonolento, ele faz uma descoberta: “O corpo dela estava frio. Ele sentiu um arrepio. A garota não respirava. Colocou a mão no coração dela, mas não sentiu suas batidas” (idem, p. 121). Eguchi, enfim, conseguiu fazer mal a uma garota adormecida.

CONCLUSÃO

Boneca, reflexo, simulacro, morta-viva, cataléptica, bela adormecida. Alguns adjetivos que, num primeiro momento, jamais pensaríamos em utilizar para descrever ou definir uma mulher, não obstante nas literaturas encontramos inúmeras referências às mulheres como um objeto destituído de desejos e vontades, mulheres postas a serviço do desejo de outro, desse outro masculino e narcisista. Poderia ser Olímpia, de Hoffman; Amália, de José de Alencar; Eco, de Ovídio; a jovem cataléptica, de Alvares de Azevedo ou a Bela Adormecida dos famosos contos de fadas.

Com tantas opções de mulheres, por que falar das belas adormecidas de Kawabata? Por causa do silêncio, da posição de objeto por excelência: além de serem mulheres, eram prostitutas; além de prostitutas, eram silenciosas; além de silenciosas, estavam adormecidas; para além de adormecidas, estavam como que mortas. Repito o trecho em que Brandão afirma a respeito da figura feminina que: “A submissão ligada à alienação do desejo alheio encontra, em nossa leitura, sua máxima representação nas figuras da morta-viva. Enquanto absolutamente passivas, há algo da ordem da morte e do silêncio que perpassa as representações idealizadas do feminino...” (2006, p. 32).

As representações idealizadas do feminino estão, de alguma forma, ligadas à morte, e com as belas adormecidas não é diferente. Elas estão como que mortas, despertam o desejo do idoso de dormir como um morto ao lado de uma menina que dormia como uma morta e, não se pode esquecer, uma das belas adormecidas morre ao final da obra. O silêncio das belas adormecidas não pode ser verbalizado, pois ele é a representação da própria morte ligada

a elas. Em suas últimas visitas, quando Eguchi passa a desejar fazer mal às meninas, é necessário que elas estejam presentes, que seus corpos em toda a feminilidade e fragilidade o incite a ter pensamentos de violência, destruição e morte: um pescoço frágil, uma língua infantil, dedos alongados, seios à mostra. Todo o corpo silencioso induzem Eguchi a “quebrar o tabu da casa” e desligar o cobertor da menina escura. O silêncio, pois, está ligado à Tanatos.

[...] A garota atirou fora a colcha – ou melhor, o cobertor elétrico que estava por baixo da colcha. Pôs uma perna para fora, esticando-a. Sentindo a tentação de empurrá-la sobre o tatame gélido de inverno, o velho contemplou-lhe o peito e o ventre. [...]

– Vai apanhar um resfriado – Eguchi cobriu o corpo da garota e *desligou o cobertor elétrico do lado dela*. Começou a perceber que a força mágica da vida de uma mulher não era pouca coisa. O que aconteceria se lhe apertasse o pescoço? Coisa frágil!

[...] O corpo dela estava frio. Ele sentiu um arrepio. A garota não respirava. Colocou a mão no coração dela, mas não sentiu suas batidas. (idem, p. 114, p. 121, *grifo meu*).

O que se iniciou como uma curiosidade senil terminou por assolar o idoso fazendo-o tremer de covardia e medo. Vargas Llosa (2004, p. 305) afirma que “O erotismo, que sempre começa sendo uma festa divertida e feliz, pode terminar em lúgubres ou sangrentas hecatombes, porque para o desejo em liberdade não existe outro limite senão a morte [...]”.

O caminho da vida se bifurca com a morte em *A casa das belas adormecidas*. As memórias, despertadas pelas belas adormecidas, são fluxo de vida que pulsa no idoso, sua tentativa de se agarrar à vitalidade e, por que não, à virilidade que as memórias portam. Mas essas memórias perdem força à medida em que o inverno se intensifica, elas dão lugar aos pensamentos e desejos de morte. Eros e Tanatos se encontram, não se excluem, no entanto. Cito novamente Lucia Castello Branco (1984), que diz assim:

Em meio à fusão Eros-morte, é mais uma vez curioso o papel reservado ao elemento feminino. A mulher, que aparece nos mitos e na literatura como fonte de toda a vida, como aquela que gera, protege e alimenta o filho (e, por analogia, é simbolizada pela terra), é também aquela que devora e corrói, que traz a morte ao mundo dos homens (a terra é também túmulo). [...]

As representações do feminino como elemento aliado à morte são tão variadas quanto aquelas que o vinculam à vida. Afinal, se morte e vida se misturam sobretudo no momento da reprodução, é natural que a mulher, como elemento gerador, conviva intimamente com esses fenômenos. (p. 39-40)

Portanto, é diante das prostitutas virgens adormecidas que Eguchi inúmeras vezes pensa que elas parecem mortas, apesar de vivas; e mais: ele adormece pela última vez ao lado da menina escura que morre e da menina clara que permanece viva com sua beleza deslumbrante. No fim, ainda resta um corpo.

REFERÊNCIAS

BRANCO, Lucia Castello. **Eros Travestido**: um estudo do erotismo no realismo burguês brasileiro. Belo Horizonte: Editora UFRMG, 1985.

_____. **O que é erotismo**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BRANDÃO, Ruth Silviano. **Mulher ao pé da letra**: a personagem feminina na literatura. Belo Horizonte: Editora UFRMG, 2006.

KAWABATA, Yasunari. **A casa das belas adormecidas**. Tradução do japonês Meiko Shimon. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

VAGAS LLOSA, Mario. “House of the Sleeping Beauties (1961), Yasunari Kawabata: Velando seu sonho, trêmulo”. **A verdade das mentiras**. São Paulo: Arx, 2004, p. 300-308.